



UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 145
ABR./JUN. 2015 TRIMENSÁRIO - € 0,20

PROPRIEDADE DA UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

www.URAP.PT

geral@urap.pt

EDITORIAL

NÃO AO MEDO, SIM À DEMOCRACIA

Já lá vão quarenta anos, a história do nosso País dava uma grande volta: o Império colonial desfazia-se, fechava-se o ciclo das caravelas, o território remetia-se ao espaço europeu, ZEE incluída. A respirar mais soltos, passámos a ter que nos adaptar a essa nova realidade, tínhamos, enfim, que mudar de vida.

Alcançada então a liberdade e a democracia, havia que dar à abstracção desses admiráveis conceitos a substância que correspondesse às necessidades da generalidade da população. Recolhidos a quartéis os militares que haviam espoletado a Revolução, ficámos então entregues aos cuidados de uma Constituição generosa, mais do que idealista carta de intenções, verdadeira carta de rumo para pôr de pé o País que os portugueses mereciam. O voto passou a ser a arma do Povo, soberano e livre, na democracia representativa que assim abraçámos.

A integração no espaço político-económico europeu (agora União Europeia), incluindo a adesão à moeda única (euro), trouxe alterações significativas à nossa vida comum, desde logo a limitação, quando não a perda pura e simples, da soberania do país. É verdade que a paga da adesão a esse projecto satisfaz, no imediato, o ego contabilista dos nossos

governantes de curtas vistas, no período de vacas gordas em que, artificialmente, os famosos fundos europeus deram para implementar políticas de betoneira, geradoras de um aparente expansionismo económico no modo air bag.

Mas a colagem a esse projecto, empalmado pelos burocratas da Intendência europeia, mais virados para contabilidades Excel do que para pessoas e valores humanos, havia de dar no que deu: os da frente a mandar, os das traseiras, os do Sul, a obedecer. O povo grego que o diga, perante a humilhação que está a amargar, e que serve de aviso aos outros periféricos, como os portugueses. Saudemos, entretanto, o exemplo de coragem e dignidade dos gregos neste combate desigual, à beira de uma nova hecatombe das Termópilas.

Não será necessário invocar números, percentagens, dados estatísticos: a dura realidade está aí, para mostrar quanto perdemos com as políticas de sucessivos governos (PS/PSD/CDS) que, ostensivamente, actuaram à margem do projecto da Revolução de Abril, para nos deixarem na situação em que estamos: mais pobres, mais desesperançados, menos livres.

O desemprego, a pobreza, a emigração, a quebra da taxa de natalidade, tudo facetas de uma vergonha colectiva que temos que sacudir. Portugal não é um país pobre, e como poderia sê-lo com um sítio destes (a terra, um mar sem fim, a localização geo-estratégica), com uma gente destas...? Faltam é opções políticas correctas para a produção da riqueza (o famigerado PIB) – e falta, sobretudo, uma distribuição justa da riqueza assim produzida. Ou seja: a desigualdade, a pobreza, a desesperança, não são uma fatalidade, um castigo dos céus, é possível combatê-las e derrotá-las, é possível vencer o medo da mudança para algo que, sendo diferente, só pode ser melhor.

Vêm aí, nos próximos meses, eleições legislativas e presidenciais. É altura de usar a arma do Povo, o voto esclarecido e livre em forças partidárias e em pessoas que, uma vez eleitas, não vão defraudar as promessas e trair o juramento de fidelidade à Constituição e aos valores de Abril que esta consagra.

Levy Baptista



COMBOIO DOS 1000 - págs. 4 e 5

A URAP acompanhou jovens portugueses ao campo de concentração de Auschwitz, em mais uma edição do Comboio dos 1000

ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP - pág.6

AFIRMAR ABRIL - pág. 7

FESTIVAL DA LIBERDADE

Dezenas de jovens, em representação de 24 associações juvenis do distrito de Setúbal, organizaram, no dia 23 de Maio, um debate que se realizou durante o Festival da Liberdade, no Seixal, iniciativa promovida pela Associação de Municípios da Região de Setúbal. Nessa sessão participaram José Pedro Soares, da direcção da URAP, a vereadora da cultura do município do Seixal, Vanessa Silva, e o militar de Abril Manuel Carvalho.

Na ocasião, o dirigente da URAP salientou a forma determinada como a juventude se empenhou no derrubamento do fascismo e na luta pela democracia política, económica social e cultural e demais conquistas e realizações de Abril. Da mesma forma como hoje se continua a empenhar para levar por diante a luta pelos seus direitos e anseios.



SANTA IRIA DA AZÓIA PROMOVE VISITA

Os sócios e amigos da URAP da União de Freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela visitaram em Grândola, dia 23 de Maio, o museu Mineiro do Lousal, o Centro de Ciência Viva e a Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense (SMFOG). Esta deslocação a Grândola, no âmbito da XVI Visita Guiada organizada pelo núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia, que contou com o apoio da Câmara Municipal de Grândola, visou conhecer uma importante zona de montado de sobro, onde antes do 25 de Abril se concentravam empresas de preparação corticeira e a classe operária criou uma forte consciencialização de classe.

Os participantes ficaram a saber que foi precisamente depois de visitar a centenária associação grandolense que o cantor José Afonso escreveu, há 51 anos, a primeira versão do poema Grândola, Vila Morena, cuja letra e pauta se encontram imortalizadas num mural de azulejos, perto de uma estátua do cantor revolucionário.



PROTOCOLOS EM BALEIZÃO E RIO DE MOURO



A URAP assinou, com as juntas de freguesia de Baleizão e Rio de Mouro, protocolos de cooperação destinados à realização de iniciativas histórico/culturais em escolas e colectividades contra o esquecimento do fascismo e o seu branqueamento. Em 20 de Maio, foi rubricado um protocolo na sede da Junta de Freguesia de Baleizão, pela coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, e pelo presidente da Junta de Freguesia, Silvestre do Calvário Troncão, e no dia 13 de Junho o gesto repetiu-se em Rio de Mouro, no concelho de Sintra. Estiveram presentes a coordenadora da URAP e o secretário da Junta, Arménio Monteiro da Silva (em representação do presidente, Bruno Alexandre Nobre Parreira).

Na Universidade Sénior desta localidade, perante mais de 60 pessoas, Marília Villaverde Cabral falou da organização e da sua actividade, enquanto o vogal da cultura e juventude, Luís Filipe Fernandes de Moraes, anunciou que a exposição feita pela URAP para as comemorações do 70.º aniversário do fim da II Guerra Mundial iria percorrer diversas escolas e associações da freguesia.

Foi exibido um filme sobre a vida do Nobel da Literatura português, José Saramago.



URAP

Propriedade e edição da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1.º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

PERCURSO DA MEMÓRIA NO PORTO



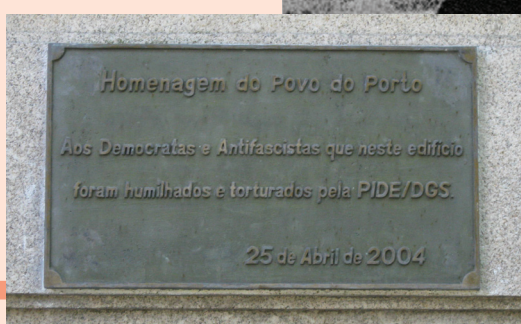
«A implementação de um projecto museológico que, mantendo o actual, permita no Museu Militar do Porto homenagear os resistentes ao fascismo, identificar os percursos e os espaços usados pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e expor documentos relacionados com os presos políticos e a resistência ao fascismo» é um dos pontos, o primeiro, da Resolução n.º 87/2015 da Assembleia da República. Publicada no Diário da República (1.ª série – n.º 134, de 13 de Julho de 2015), a Resolução refere que para a execução do projecto museológico «seja ouvida a União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), núcleo do Porto, para que sejam recolhidos os contributos e testemunhos de quem lutou, resistiu e sobreviveu à passagem pelo Edifício do Heroísmo».

Esta importante vitória da URAP foi conseguida, dia 3 de Julho, com a votação no Plenário da AR de duas propostas da autoria do Partido Comunista Português e do Bloco de Esquerda, aprovadas sem votos contra, depois de discussão em Conferência de Líderes havida após a entrega de uma petição promovida pelo núcleo do Porto da URAP, com 4460 assinaturas.

O abaixo-assinado apelava a que fosse instalado no Museu Militar do Porto um percurso expositivo que identificasse, com critérios históricos, as actividades da PIDE no edifício, em nome da preservação da memória e da luta antifascista.

Desde 2009 que a URAP pugna pela concretização deste projecto, a que chamou «Do Heroísmo à Firmeza – Percurso na memória da casa da PIDE no Porto – 1934-1974», que parece agora, finalmente, poder ser concretizado.

Homenagear, lembrar as vítimas da ditadura é um imperativo, é obrigação de um país que não pode esquecer e deve transmitir às gerações vindouras as atrocidades cometidas pelo fascismo.



MUSEU DA RESISTÊNCIA NO ALJUBE



No passado dia 25 de Abril foi inaugurado o «Museu do Aljube – Resistência e Liberdade». Com a inauguração deste museu municipal, a cidade de Lisboa passou a integrar no seu roteiro um museu dedicado ao fascismo e à resistência e à preservação da memória dos muitos milhares de antifascistas e patriotas que resistiram à ditadura, que lutaram pela liberdade e que, por isso, foram presos, torturados e assassinados.

Pela cadeia do Aljube, hoje transformada em museu, passaram milhares de antifascistas. Ela permanece, tal como as cadeias de Caxias, Peniche, Sede da PIDE na Rua António Maria Cardoso, cadeia da PIDE do Porto, Angra do Heroísmo ou Tarrafal como símbolos da repressão fascista mas também de luta e resistência.

O «Museu do Aljube – Resistência e Liberdade», como os de Peniche e Tarrafal, será de grande importância para o esclarecimento, sobretudo das jovens gerações, do que significou o fascismo, e da conquista da liberdade como inseparável da longa e heróica luta da resistência de milhares de portugueses.

A URAP, que integra desde o primeiro momento o Conselho Consultivo do Museu, apela aos seus associados que visitem e estimulem a visita ao Museu do Aljube, certa de que a realidade que nos transmite ajudarão a enraizar na população a determinação de defender a liberdade e para que os portugueses possam ter como garantido que fascismo nunca mais.

COMBOIO DOS 1000 LEVA JOVENS VER O TERROR DE PERTO PARA C



A delegação portuguesa que integrou o Comboio dos 1000, composta por 16 jovens portugueses, por dois membros da direcção da URAP – José Pedro Soares (ex-presos político do regime fascista) e Jorge Cabral – e dois professores, juntou-se a jovens da Bélgica, França, Luxemburgo, Alemanha, Hungria, Croácia, Itália, Estónia, Eslovénia, Sérvia e Rússia. Durante cinco dias, os 1000 jovens europeus visitaram os campos de morte da Alemanha nazi, em Auschwitz, na Polónia.

À semelhança do que aconteceu em anos anteriores, em que foi possível o aprofundamento da consciência democrática, dos valores dos direitos humanos e de interacção entre jovens de diferentes países da Europa, a viagem de 2015 destinou-se a assinalar o 70.º aniversário da vitória das forças democráticas sobre o nazi-fascismo, na presença de sobreviventes do campo de concentração. Todos viram, com horror, as toneladas de cabelos, sapatos, malas, objectos que eram retirados contra a vontade ou sem o consentimento dos prisioneiros, antes ou depois da sua morte, para depois serem aproveitados ou transformados.



Viram, também, o chamado hospital do campo, onde decorriam experiências feitas por médicos, como o Dr. Mengele, sacrificando mulheres, muitas das quais ciganas, procurando a sua esterilização ou usando crianças para outros fins. Viram ainda a primeira câmara de gás criada pelos nazis, contígua ao crematório. A visita ao campo de concentração Auschwitz I colocou os presentes perante a imagem das atrocidades cometidas no campo e do sofrimento dos milhões de indivíduos que ainda hoje têm o seu nome no livro do campo ou um rosto afixado na parede, para nunca serem esquecidos.

De todos os prisioneiros que passaram por Auschwitz I, apenas 300 conseguiram fugir. Por outro lado, aproximadamente 70 mil prisioneiros polacos e soviéticos morreram neste campo.





No dia 5, antecedendo a partida no comboio, a delegação portuguesa visitou o Parlamento Europeu, a convite da euro-deputada do PCP Inês Zuber, do grupo Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica, com quem houve um encontro.



DIA DA VITÓRIA

No dia 8 de Maio, data da capitulação alemã, os jovens europeus estiveram em Birkenau (Auschwitz II) para, em frente ao monumento de homenagem às vítimas do Holocausto, assistir ao ponto alto das comemorações: a sessão comemorativa dos 70 anos de libertação do campo pelo Exército Vermelho, no final da II Guerra Mundial.

Birkenau mostra a enormidade do plano de extermínio do regime nazi e permite ver mais de perto as condições de vida dos prisioneiros. O objectivo principal do campo era o extermínio: equipado com quatro crematórios e câmaras de gás, as quais podiam receber, cada uma, cerca de 2.500 pessoas à vez, registou o maior número de mortos. De 1942 a 1945 morreram aproximadamente um milhão de judeus e 19 mil ciganos.

Quando o final da guerra se aproximou, os nazis destruíram as câmaras de gás em Birkenau, em Novembro de 1944, e no ano seguinte começaram a evacuar os campos, tudo para esconder o que acontecia nas suas instalações. Em 27 de Janeiro de 1945, o Exército Vermelho libertou ainda cerca de 7500 prisioneiros.

Como esta viagem previu igualmente o convívio, os jovens tiveram a oportunidade de assistir ao concerto dos Kroke, que juntaram a cultura judaica presente na música klezmer (com influências do Médio Oriente e eslavas), o jazz e o folk. Foi representada, também, a peça de teatro Brundibar, por crianças do Liège Opera Royal, de Valónia. A primeira actuação ocorreu no campo de concentração de Theresienstadt (República Checa) feita por crianças deportadas que depois foram levadas para Auschwitz, onde apenas algumas sobreviveram. Esta interpretação foi feita durante a visita da Cruz Vermelha Internacional ao campo para ver as condições dos presos, deparando-se com um cenário totalmente encenado. Excertos desta ópera eram utilizados na propaganda nazi por relatarem uma história alegre em torno da amizade e da solidariedade.

A estada em Cracóvia terminou com uma animada festa de convívio entre todas as delegações.

Jorge Cabral

URAP REALIZOU ASSEMBLEIA-GERAL SUPERAR DIFICULDADES E AVANÇAR

A situação financeira da URAP foi um dos temas discutidos na Assembleia-geral da URAP, realizada em Lisboa no dia 28 de Março. Esta questão foi considerada um factor comprometedor do desenvolvimento da actividade da URAP, tendo sido feito um apelo aos núcleos para que, com imaginação, sejam capazes de levar a cabo uma campanha que inverta a situação, nomeadamente através da recolha atempada das quotizações e de outros fundos.



O Relatório de Contas foi apresentado por Álvaro Contreiras, presidente do Conselho Fiscal, cabendo a Encarnação Raminho, da direcção, a leitura do Relatório de Actividades, que pormenorizou as inúmeras iniciativas que a URAP levou a cabo no ano de 2014.

Na assembleia, presidida por João Corrededor da Fonseca, foi relatada a actividade dos núcleos da URAP do Porto e Santa Iria da Azóia, respectivamente por Celestina Leão e Cláudio Pereira. A primeira activista abordou, entre outros assuntos, a recolha de assinaturas do abaixo-assinado que exigia a reclassificação da antiga sede da PIDE naquela cidade em museu da resistência, a entregar na Assembleia da República, e o segundo a actividade local do núcleo.

Pelo núcleo de Setúbal interveio Pedro Soares, que destacou as sessões da URAP nas escolas e a passagem da Tocha da Paz por aquele concelho, bem como por Palmela. Em nome do núcleo de Almada, Mário Araújo apresentou um relatório detalhado de actividades, destacando as sessões em escolas e visitas à antiga cadeia de Peniche.

Após a eleição dos novos corpos sociais, a Assembleia-geral anual da URAP aprovou o Relatório de Contas, o Relatório de Actividades do ano de 2014 e discutiu o Plano de Actividades para 2015.



AFIRMAR A URAP E OS VALORES DA LIBERDADE

Coube a Marília Villaverde Cabral apresentar as linhas gerais do Plano de Actividades para 2015. A coordenadora da URAP referiu as celebrações do 25 de Abril, a continuação das comemorações do fim da II Guerra Mundial, o Comboio dos 1000, que levou 20 jovens portugueses a visitar o campo de concentração de Auschwitz, e a viagem aos Açores. Em Setembro, acrescentou, realizar-se-á a tradicional romagem ao Mausoléu dos antifascistas assassinados no Campo de Concentração do Tarrafal, no Cemitério do Alto de São João.

Falou em seguida Celestina Leão, em nome de José Pedro Soares, que referiu que a actividade da URAP junto das escolas é fundamental para o esclarecimento das novas gerações e o combate ao branqueamento do fascismo e sua denúncia. As crianças e jovens de todo o país têm efectuado inúmeras visitas guiadas à antiga cadeia de Peniche, local de detenção, tortura e maus-tratos a milhares de antifascistas portugueses.

Olga Macedo, por seu lado, interveio sobre a Tocha da Paz e da Liberdade, uma iniciativa da FIR que a URAP acolheu em Portugal, que percorreu diversos concelhos do País e envolveu muita gente durante duas semanas. Feliciano David apresentou uma moção sobre a tentativa da Câmara Municipal de Santa Comba Dão de criar o Museu Salazar e Ivo Serra falou sobre a situação internacional e a ligação da URAP com a FIR.

A intervenção de Ana Pato versou sobre o boletim, a página da URAP na internet e no Facebook e sobre a complementaridade destes meios de divulgação da actividade da organização e de contacto com os sócios.

Os documentos foram todos votados e aprovados por unanimidade pelas mais de 40 pessoas presentes no anfiteatro do Museu da República e Resistência, em Lisboa, cedido para o efeito.

O companheiro Américo Leal, que deixa de fazer parte da Mesa da Assembleia e passa a integrar do Conselho Nacional, foi homenageado ao mesmo tempo que se aprovou um voto de louvor ao antifascista e colaborador da URAP José Casanova, já falecido, pelo seu papel na luta pelos ideais democráticos.

AFIRMAR ABRIL E OS SEUS VALORES

O povo saiu uma vez mais à rua para comemorar os 41 anos do 25 de Abril de 1974. Como sempre acontece, a URAP juntou-se às comemorações e, um pouco por toda a parte, promoveu sessões, almoços e confraternizações diversas.



Em Lisboa, militantes e simpatizantes da URAP desceram, como habitualmente, a Avenida da Liberdade até ao Rossio, e no Porto, deslocaram-se da Rua do Heroísmo até à Avenida dos Aliados, empunhando panos e cartazes. As comemorações populares nestas duas cidades foram, uma vez mais, importantes momentos de defesa dos valores e conquistas da Revolução!



Uma atenção especial foi dada, como sempre, à juventude. Organizaram-se sessões nas escolas destinadas a contar aos jovens o que foi o 25 de Abril, a falar sobre a vida das pessoas durante o fascismo e a apelar para que sejam obreiros de um Portugal livre e democrático. Deste modo, a URAP organizou diversas sessões com a participação de elementos da direcção, em parceria com a Câmara Municipal de Loures: no dia 14 de Abril, para alunos dos 9.º e 10.º anos na EB2,3 Luís de Sttau Monteiro; no dia seguinte, na EB Maria Velede. Participou, pela URAP, Feliciano David. Depois, nos dias 15, 16 e 17, Mário Araújo, Alfredo Guaparrão e José Pedro Soares deslocaram-se aos agrupamentos de Escolas de Camarate, da Bobadela e «4 de Outubro».

DE NORTE A SUL

A professora Isabel Melo representou a URAP numa sessão com alunos dos 2.º e 3.º ciclos do agrupamento de Escolas do Fundão, com idades compreendidas entre 10 e 14 anos, no dia 22 de Abril. Depois veio o Estoril, a 27 de Abril, numa organização conjunta com as associações de Pais da Escola Básica 2+ 3 da Galiza e da Escola Secundária de S. João do Estoril, com a



participação de José Pedro Soares. A 23 de Abril, em Peões da Caparica, realizou-se uma sessão com Mário Araújo e Alfredo Guaparrão, e José Pedro Soares falou no Centro de Formação da CERCILisboa.



Encarnação Raminho foi ao Vitória Clube Quintinhas, na Charneca de Caparica, dia 26 de Abril, para participar num debate, e o núcleo da URAP de Almada organizou um almoço comemorativo da revolução de Abril em 2 de Maio, na Cova da Piedade.



O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa convidou a URAP para uma sessão sobre o 25 de Abril, que teve lugar na sede deste sindicato no dia 6 de Maio, com a presença de Bento Luís.

Durante todo o ano, a URAP promove iniciativas que visam esclarecer, não deixar esquecer e fazer cumprir os ideais de Abril. No momento actual, em que a democracia está ameaçada e o povo atravessa uma das mais graves crises da sua História, é preciso mudar de rumo, é preciso cumprir Abril.

URAP CELEBROU 70 ANOS DA VITÓRIA

Depois do grande impacto da passagem da Tocha da Liberdade e da Democracia por Portugal (da qual demos informação no último boletim), sessões em escolas e colectividades e uma exposição patente de norte a sul do País foram também formas com que a URAP assinalou os 70 anos da vitória sobre o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial. A natureza do fascismo e os interesses que servia, a luta dos povos pela liberdade e a democracia e as grandes conquistas progressistas alcançadas com a vitória foram aspectos relevados nas diversas intervenções proferidas por dirigentes e activistas da URAP.

No dia 13 de Maio, Marília Villaverde Cabral representou a URAP no seminário «Comemorando os 70 anos da Vitória sobre o Nazi-fascismo – Unidade na luta pela paz e contra o fascismo e a guerra», realizado no Parlamento Europeu. Na ocasião, a coordenadora da URAP sublinhou que «comemorar a vitória sobre o fascismo é também homenagear a resistência heróica dos que se bateram desde os primeiros dias da ocupação nazi até à expulsão e derrota dos invasores». Por toda a Europa, acrescentou, os povos resistiram, «em contraste com as atitudes capitulacionistas de vários governos representativos da grande burguesia».

A dirigente antifascista lembrou, perante uma vasta plateia, composta por uma maioria de estrangeiros, a natureza fascista do regime de Salazar e a existência, entre 1936 e 1954, do campo de concentração do Tarrafal. Nos diversos painéis do seminário participaram activistas de diversas organizações sociais, dirigentes e deputados de partidos comunistas, de esquerda e progressistas, entre os quais os portugueses Ilda Figueiredo, presidente da direcção nacional do Conselho Português para a Paz e Cooperação; Pedro Guerreiro, membro do Secretariado do Comité Central do PCP; e João Ferreira, deputado do PCP no Parlamento Europeu, que encerrou os trabalhos apelando à necessidade de se construir a unidade na luta pela paz e contra o fascismo e a guerra.



Em Setúbal, várias associações e movimentos, incluindo a URAP, evocaram a vitória com um cordão humano que percorreu o centro da cidade

HOMENAGEM AOS TARRAFALISTAS

A URAP promove no próximo dia 12 de Setembro, pelas 11 da manhã, a tradicional homenagem aos resistentes antifascistas que passaram pelo Campo de Concentração do Tarrafal e aos que lá perderam a vida. A iniciativa tem lugar junto ao mausoléu dos tarrafalistas, no cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Apelamos à participação de todos os sócios e amigos.



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses